



INSTRUÇÃO PÚBLICA E ANALPHABETISMO¹

São Paulo sempre se orgulhou de manter, na União, a honra de um primado que, até ao presente nenhuma outra unidade brasileira lhe disputou: a organização de seus serviços de instrução pública. De nosso meio, têm saído os educadores mais provetos, incumbidos de orientar e realizar a tarefa educativa de grande número de nossos Estados. Nenhuma reforma de ensino, digna desse nome, excepção aberta talvez para Minas e Rio Grande do Sul, foi levada a bom termo, dentro do nosso território, que não tenha recebido a participação directa ou indirecta do centro já notável de educação, em que nos convertemos. Vistos por esse prisma – que outro poderia mais desvanecer-nos? – transformámo-nos em um padrão, digno de ser seguido pelo resto da nacionalidade.

Comquanto, porém, estejamos fazendo o que é humanamente possível, dentro de nossos actuaes recursos orçamentários, para propelar a obra educacional, entre nós, quão distanciados nos encontramos ainda da méta, a que chegaram as democracias que se prezam e que encontram na instrução pública o esteio mais solidos de seus principios!

Os graphics que a Directoria Geral do Ensino acaba de publicar, são mais do que elucidativos, sobre o assumpto. No último quinquennio, mau grado as adversidades que têm flagellado o machinismo do Estado, repercutindo sobre todas as suas attribuições vitais passamos de 279.375 alumnos matriculados, em 1926, para 356.292 em 1930. Igual curva de ascensão patenteou-se quanto ao número de alumnos alphabetizados. Os numeros accusam 35.932, em 1926, e 74.807, em 1930.

Deduz-se, logo à primeira vista, que a obra não soffreu solução de continuidade. Como occultar a nossa solidariedade não apenas à alta mentalidade administrativa de São Paulo como, sobretudo, à tenacidade, à clarividência, ao patriotismo de nossos mestres e professores?

Dispensamos muito com a educação popular? Esclarece a Directoria: quase nada, quando cotejado com o que vêm realizando os Estados Unidos. Se, em nosso Estado, o governo gasta, por alumno, a média de 1\$000, na América do Norte esse dispêndio ascende à cifra honrosa de 386\$000, ao câmbio actual! Isto, sem falarmos nas fontes diversas do ensino e da iniciativa privada, que, nos Estados Unidos, proliferam com abundancia e que tão bem traduzem o valor em que a educação é tida, no diversos meios sociais.

¹ Reprodução de artigo publicado em: **Folha da Manhã**, São Paulo, 25 set. 1931, p. 6.

Ainda a título de comparação, vejamos o que se passa actualmente na Argentina, em matéria educativa.

Tambem o Conselho Nacional de Educação vem de dar publicidade o último censo escolar, procedido na República. Os meninos recenseados (de 5 a 13 annos) attingiram a 2.108.286. Desses, não vão à escola 510.754, apenas. É patente o progresso feito pela respeitada democracia platina, só excedida, nesse terreno, pela esplendida organização uruguaya.

O Brasil accusa, na actualidade, uma população infantil, em idade escolar, de cerca de 8 milhões. Dois milhões, se tanto, frequentam estabelecimentos de Instrucção. O simples cotejo colloca-nos em uma posição de tamanha subalternidade perante a Argentina, que só um esforço hercúleo, em que se empenhassem todas as forças sociaes e os governos dos Estados e da União, lograria igualar-nos com o nosso vizinho meridional.

Como citar este documento:

COMISSÃO EDITORIAL, ETD. Instrucção publica e analphabetismo. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 1, p. 228-229, jan./abr. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/7096>>. Acesso em: 29 abr. 2015.
